

Joyce/Dedalus

Cifras para a decifração de uma Persona(gem) auto-retratada.

NádiaCosta*

“Au trois «blessures narcissiques qu’évoquait Freud, celles qui ont été infligées à l’humanité par Copernic, Darwin, et Freud lui-même, il faut ajouter celle que la sociologie nous fait souffrir, et spécialement lorsqu’elle s’applique aux «créateurs».

Pierre Bourdieu IN RÉPONSES , p. 108

Resumo

Este artigo visa decifrar as questões da identidade e da criação centradas num registo artístico *particular*: o universo joyciano. Decifrar é ler o significado inscrito no signo das palavras e dos símbolos, exige instrumentos que retirem, camada a camada, a opacidade de que se revestem os objectos. Mas porque decifrar é restituir inteligibilidade, o decifrador não pode trabalhar sem ferramentas conceptuais correndo o risco de cifrar ainda mais o objecto obscurecendo a sua leitura pelo fechamento conceptual. Por isso também existem temas menos resistentes à multidisciplinaridade que outros, o que não obsta a que tal traduza, não raras vezes, um enviesamento de sentidos que tende a consagrá-los como naturais, inequívocos e universais, e por isso mesmo revestidos de definições unânimes e consensuais. Assim, «indivíduo» e «sociedade» são temas pouco problematizados pelo senso comum, consubstanciaram-se nas mentes e na linguagem como que noções independentes uma da outra. Aqui mais que qualquer outro, o artista/criador é situado num eixo insular distanciado dos condicionamentos sociais. Colocado num pedestal que o eleva acima da história – da génese da sua história – artista, génio e em certa medida, louco, são por *hábito*, reconhecido como seres quase que incriados.

A partir desta reflexão preliminar, este texto procura discutir, com os recursos conceptuais da sociologia e da psicologia social, a questão da construção da identidade para daí problematizar a relação triangular entre o *eu*, o *outro* e a criatividade num dos campos onde a questão das correspondências entre, por um lado, produções e, por outro, as condições sociais de produção são pouco exploradas e debatidas – a Arte e os seus criadores. Tomamos para tal uma dupla referência: um autor que marcou indelevelmente a cultura literária moderna – James Joyce – e a obra que marca a sua identidade artística - *O Retrato do Artista quando Jovem*.

Identidade – o eu, o outro e o lugar da «criação»

O tema da identidade interpela-nos imediatamente para noções tais como igualdade e semelhança, e reciprocidade do eu face ao outro, numa troca em que se o primeiro se constrói através do olhar do segundo, o seu ser e estar no mundo reflectirá, por conseguinte, as várias interiorizações que os múltiplos olhares lhe foram inculcando. A identidade surge assim como uma construção eminentemente social: exterioriza continuamente os saberes e práticas adquiridos ao longo da socialização, e que em termos amplos, constituem, tal como referem Berger e Luckman (2004), as objectivações dos processos e significados subjectivos sobre os quais se constrói o mundo intersubjectivo do senso comum que uniformiza a realidade de um sentido único vivenciado e partilhado pelos membros de uma sociedade. Assim, é pelos contínuos fluxos da interacção com o outro, através dos reforços de objectivação da linguagem, que a identidade se produz, no efeito daquela sobre a subjectividade dos indivíduos. Neste sentido, é sob as circunstâncias desta dialéctica que os indivíduos exteriorizam o seu ser na realidade quotidiana, ao mesmo que a interiorizam através dos diversos sinais objectivados historicamente anteriores a eles. Como uma impressão *digitalizada*, a identidade surge dos diversos vaivéns presentes no quotidiano, afirmando do nascimento até à morte, uma concordância com o meio.

No entanto, se a identidade traduz uma pertença a um património cultural que a ancora na sua dimensão social pergunta-se como é que os criadores constroem o seu

percurso. Serão eles seres desincorporados da substância social e, como diria Bourdieu (2003), inciados em espaço separado e sagrado, ou será antes essa crença o denominador comum que legitima o universo da arte como terreno consagrado do dom, envolvendo o criador numa unicidade que o afasta do outro? Arriscamo-nos aqui, a responder a esta pergunta com referência a umas das primeiras obras de James Joyce – Retrato do Artista quando Jovem – centrando a nossa análise na personagem que alicerça a construção da obra – Stephen Dedalus - e situando esta personagem, assumidamente autobiográfica, pelas coordenadas que ela lança sobre o processo de construção da identidade artística de Joyce que se reivindica tanto das suas referências de pertença, como das diferenças propositadamente traçadas face a elas.

Identidade – Retrato e Retratista

James Joyce nasce na Irlanda, em finais do século XIX, no seio de uma numerosa família católica abastada e é um dos filhos mais velhos de entre os seus onze irmãos. Como toda a comunidade tradicional irlandesa da época, a família herda os valores repressivos do catolicismo. Nesse século, uma série de reformas políticas permitiram o crescimento da classe média católica mas as esperanças de melhores condições de vida estavam firmemente dependentes da proclamação da Irlanda como nação autónoma e independente. Entretanto, o país era abalado pela instabilidade política e económica assim como pelas consequentes clivagens sociais que sujeitariam vastos conjuntos de população a abruptas mudanças nas suas condições de vida. Com o desemprego do pai, a família Joyce precipita-se para a falência, deparando-se com a carência e a escassez que forçam a uma mudança na trajectória escolar do jovem James, que se transfere para um colégio de jesuítas cujas influências socializadoras marcam incisivamente a sua formação. Com efeito, são as experiências aí vivenciadas que James exprime na narrativa, tornando-se esta uma construção reflexiva necessária para o seu desenvolvimento artístico: a afirmação de um retrato de si enquanto criança, jovem e alcançando a maturidade é, nesta obra, elaborada sob a perspectiva exterior ou *ex-posta* do próprio retratista. O *eu* é posicionado como se do *outro* se tratasse, objectivando-o na dialéctica da identificação e restituindo-lhe pela linguagem a sua função de sujeito (de ficção) num campo semântico universal, a literatura.

Vale a pena compreender a acção que está aqui subjacente, à luz do que Giddens (1997) denomina por “pensamento biográfico” que pode conter e revelar em si os elementos capazes de desenvolver uma noção coerente da própria história de vida “sendo um meio necessário para escapar à prisão do passado e abrir-se ao futuro” (Idem). A autobiografia denota, nesta acepção, uma natureza terapêutica pelo seu carácter correctivo no passado e não apenas uma crónica de acontecimentos anteriores: o esforço da objectivação pela linguagem permite que sejam reformuladas as representações passadas e polidas as saliências emocionais mais incisivas onde o instrumento privilegiado é a própria experiência do sujeito/narrador. Esta promoção de diálogo com o tempo restitui ao indivíduo a unicidade e coerência essencial à manutenção da sua identidade: identificando os acontecimentos passados causadores de stress tais como as tensões familiares, os castigos corporais impostos pelos jesuítas, as situações de humilhação entre pares, a fraca coesão da identidade nacional, em suma, face à iminência da perda de referências, Joyce empreende esforços reconstrutivos para um sentimento de identidade coerente e unívoco e por isso mesmo recompensador já que deles emergem uma reconciliação com o tempo vivido no passado.

Assim, se *O Retrato do Artista quando Jovem* marca um trânsito primordial no percurso do autor, é-nos já possível afirmar que ele também se configura enquanto produto desse esforço de negociação entre o eu *singular* e o outro *colectivo*, este que impõe como condicionamento a adopção da similaridade em detrimento da diferença. O *Retrato* produz-se desse vaivém entre a reivindicação a *ser diferente* e a conformidade a *ser igual*, sob um processo activo de constantes reajustamentos identitários que ao permitirem reposicionar o *eu*, dotam-no de disposições criativas na medida em que lhe é concedida uma contínua predisposição para a reflexão e a acção.

Se é verdade que esta obra inicia um dos volantes do famoso tríptico joyciano, constituído posteriormente por *Ulisses* e *Finnegans Wake*, tal traduz também que ela surge como uma interrogação acerca dos primeiros momentos de socialização do autor. Nela, Joyce esboça reflexivamente a sua trajectória vivida, percorrendo a filigrana dos laços afectivos que tecem os mecanismos de identificação com a família até àqueles por vezes impositivos no círculo dos jesuítas. Mas de igual modo, em contraponto,

vislumbram-se estratégias de auto-defesa que reclamam a unicidade do protagonista, e que culminam com o seu próprio exílio. Esta divisão do *eu* declara, ao mesmo que revela, que o social é imbuído de dualidade e, tal como sugere Dubar (1997), demonstra que através dos mecanismos de identificação são accionadas categorias socialmente disponíveis que são mais ou menos legítimas a níveis diferenciados, e em subsequência colocam sempre os indivíduos perante estratégias identitárias que visam equilibrar os possíveis desacordos existentes entre a identidade social “virtual”, atribuída por outros, e a identidade social “real”, atribuída pelo sujeito a si-próprio: em Clongowes, a rígida educação religiosa que Joyce recebe forma funcionalmente os seus esquemas cognitivos para um desempenho masoquista inerente à necessidade de sofrimento pregada pelos jesuítas, como de igual modo incute práticas como a oração ou a récita meditativa, modelando hábitos de pensamento e de acção fortemente socializantes. A família de Joyce, católica, reforça estes esquemas socializadores, estruturando leituras do mundo que confluem para a interiorização de uma mesma atribuição de sentidos: definir e transmitir ao jovem James um forte sentido de pertença à Irlanda católica, esta personificada tanto pela família como pelos jesuítas. Uma noção de Dubar elucida o movimento deste vaivém; segundo este autor a identidade social traduz o *acordo* organizado entre a identidade para si e a identidade para o outro, surge nos interstícios trilhados pelo encontro/confronto de ambos na interacção, sendo possível que o indivíduo ora aceite ora recuse as identidades atribuídas pelos outros e pelas instituições. No primeiro caso, adianta Dubar, ocorrem mecanismos de transacção externa ou objectiva em que o indivíduo acomoda a identidade para si àquela atribuída pelo outro. Em situação de recusa das atribuições definidas pelos outros ocorre a situação inversa: o indivíduo deseja guardar uma parte das suas identificações anteriores ao mesmo que deseja construir novas identidades, pelo mecanismo de transacção interna ou subjectiva.

Identidade – Stephen e Dedalus: entre o estar e o fugir do Labirinto

Esta obra autobiográfica apresenta-se e é representante de um esquema construtivo de reorganização cognitiva, alude simbolicamente ao labirinto que se produz como um

esforço de planeamento e de organização da topologia vivencial do seu autor, e que leva à saída do constructo pelo exílio do protagonista/retratista da sua terra natal, a Irlanda, simultâneo ao acesso à tentativa de liberdade criadora do autor/retratista. Esta libertação identitária consolida com esta obra o início de um estilo literário particular, consubstanciado pelas predisposições adquiridas no exercício de desconstrução de uma identidade anteriormente acomodada a categorias sociais inculcadas, e no subsequente esforço de selecção de unidades de identificação consideradas primordiais para o autor na consolidação de âncoras identitárias – a Irlanda, a família, a educação religiosa – e na construção daí decorrente de uma personagem retratada pelo próprio como alter ego revelador o bastante da reflexividade produzida e estruturadora deste processo de equilibração. Encontramo-nos com Stephen Dedalus, personagem principal da obra, que revela a equilibração e firma a pertinência encontradas na intenção subjacente a Joyce seleccionar dois nomes tão iminentemente iconográficos quanto dotados de complementaridade para a restituição de sentido identitário do autor: Stephen alude ao primeiro mártir do cristianismo, primogénito de todos os mártires da Igreja, auto-atribuição reveladora da inculcação religiosa e por isso mesmo alvo de selecção auto-analítica representativa de uma identificação anterior. Ao mártir, Joyce acrescenta o arquitecto Dedalus, que na mitologia grega é o construtor do labirinto e mestre da fuga e da libertação desse mesmo lugar. Dedalus é com efeito um arquétipo explicativo esclarecedor tanto do sentido que o autor encontra nesta obra, como do sentido atribuído ao seu projecto artístico: a liberdade face à corrente de pensamento tradicionalista irlandês. Como antítese a Stephen, Dédalo é o contraponto pagão por excelência, retrata a conquista sobre as adversidades surgidas do confronto com as identificações “virtuais” através de um caminho que pode conduzir à luz solar, à construção de uma nova identidade e correspondente visão do mundo. Se o mártir é redimido pelo libertador, a fuga é a condição para Joyce se encontrar perante a sua essência, o que consubstancia a ideia de estarmos perante uma acção criadora subsidiária à “transacção subjectiva” (Dubar, 1997), em que ao libertar o passado Joyce permite a construção para o futuro. Esta estruturação da identidade construída ao longo do auto-retrato ficcionado sobre a interioridade ficcionada pelo próprio Joyce sublinha a constituição prévia de um *eu* estruturado para a transição a um *eu* estruturante (Giddens, 2007), em que o

desenvolvimento do passado é apropriado reflexivamente. O tempo de vida surge como aqui *Gestalt*, permite, segundo Giddens, erguer barreiras e constituir fontes de incertezas a confrontar, desafiando a criatividade do sujeito a libertar-se dos esquemas de leitura do mundo rigidificantes adquiridos durante as primeiras e primordiais fase de socialização.

Joyce representa inequivocamente a vivência desta trajectória *interior* mas nem por isso menos condicionada pelos contextos e vínculos sociais *exteriores*: em sentido de continuidade e defesa de coerência e unicidade, a identidade retrata valores tributários à Irlanda, à família e aos jesuítas, ao mesmo que reivindica que esta se produz pela e na diversidade e diferenciação face àqueles. Não obstante, estes elementos combinam-se em *continuum* por uma negociação que permite que o eu se mantenha o mesmo, que se realize e se torne igual a si-próprio na sua sociedade mas de igual modo traduz a materialidade e imanência das práticas: o artista é aquilo que *é* por aquilo que *faz* o que equivale à ideia de que a construção das identidades subjaz a realização de si pela acção. Através da escrita de uma obra de carácter auto-biográfico Joyce “realizou, e realizando realizou-se” (Tap,1998). Surge assim a identidade como uma construção que também deriva de um exercício conscientemente construído pela referenciação às diversas pertenças grupais que exprimem as trajectórias de socialização: a semelhança com a cultura irlandesa evoca em Joyce o sentimento de desdém face ao colonialismo e à língua formalizada inglesa e o monólogo interior aprendido durante os sermões jesuítas conduz ao estilo de narração meditativa da obra.

Se pela socialização se adquirem valores e competências, a identidade passa impreterivelmente pela gestão das identidades colectivas de pertença, pois através de tomadas de posição e de adesão a certas crenças – éticas, religiosas, políticas e estéticas – é marcado um processo de identificação plural que indica que o sujeito se inscreve num mosaico múltiplo de pertenças sociais. O *eu* consubstancia-se como um produto eminentemente social, possuidor e estruturado por propriedades colectivas e outras singulares articulados entre si pelos processos de transacção necessários para que estas mediações produzam as suas propriedades de equilíbrio e ajustamento contínuo. A estratégia reflexiva da autobiografia destaca

assim a sua intencionalidade ao mesmo que uma virtualidade: a organização estruturada da trajectória vivida pelo protagonista instaura a coerência e a unidade espaço-temporal dos eventos produtores da identidade do sujeito. Como construção objectivada da construção da narrativa do *eu*, *O Retrato do Artista quando Jovem*, permite a Joyce traçar o fio condutor para o desenvolvimento da singularidade estética do seu projecto artístico e – dele inseparável – desenvolvimento humano.

Bibliografia consultada:

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas (2004) – A Construção Social da Realidade. 2ª ed. Lisboa: Dinalivro. ISBN 972- 576-354-8.

BOUDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J.D. (1992) – Réponses. Paris : Éditions du Seuil. ISBN 2-02-014675-4. P.91-116.

BURNS, Elizabeth; BURNS, Tom (eds.) (1973)– Sociology of Literature & Drama. 1st ed. Baltimore: Penguin Books Inc.

CABIN,Philippe; RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (coords) (1998) – L'identité – l'individu, le groupe, la société. Auxerres: Éditions Sciences Humaines. ISBN 2-912601-02-9.

DUBAR, Claude (1997) – A Socialização. Porto: Porto Editora. p.103-120.

GIDDENS, Anthony (1997) – Modernidade e Identidade. Oeiras: Celta Editora, 1997. ISBN 972-8027-73-7.

FRANKFURT, Harry (1976) – Identification and Externality IN RORTY, Amélie Oskenberg – The Identities of Persons. 1st ed. Los Angeles, California: University of California Press, Ltd. ISBN 0-520-03309-4, p.239-251.

JOYCE, James (2002)– Retrato do Artista quando Jovem. 2ª ed. Algés: DIFEL. ISBN 972-29-06118-6.

JAMES JOYCE'S PORTRAIT OF THE ARTIST. [em linha]. [Consultado em Novembro de 2007]. Disponível em: <http://www.nwe.ufl.edu/~kershner/port.html>

McCOURT, John (1999) – James Joyce: A Passionate Exile. New-York: Thomas Dunne Books. ISBN 0-312-26941-2.

PINDOR, Ian (2006) – Joyce. Porto: Asa Editores. ISBN 972-41-4730-4.

* Frequenta a Licenciatura em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Bolseira do FCT para projectos de investigação durante a Licenciatura.